

Desejo de marcar território

» MARA PULJIZ
» SHEILA OLIVEIRA

Brigas entre jovens são comuns, principalmente em festas e escolas públicas ou particulares. São vários os motivos que levam ao desentendimento, como desavenças anteriores, disputa por mulheres ou influência de drogas ou álcool. A Delegacia da Criança e do Adolescente (DCAI) não tem um balanço de quantos casos ocorrem por mês, mas, segundo a delegada-chefe da unidade, Viviane da Cunha, os registros mais comuns são de injúria, ameaça e lesão corporal. “Felizmente, são raros os casos que terminam numa tentativa de homicídio ou em homicídio”, explicou.

Para Viviane, o jovem gosta de “marcar território” para mostrar certo domínio sobre um grupo. “Numa turma, sempre tem um que é o mais popular ou forte e que tem ascensão perante

os demais. Muitas vezes, são esses que começam a implicar com os mais fracos”, diz. A partir da intimidação, a tendência é que esses jovens passem a se unir em grupos. As brigas ocorrem, geralmente, após uma reação a alguma provocação.

Diversidade

De acordo com o sociólogo da Universidade de Brasília (UnB) Antônio Flávio Testa, desde o início da composição das cidades do DF, há registro de conflitos entre jovens. “Vieram para cá filhos de militares, políticos, advogados e, de certa forma, eles foram obrigados a conviver juntos. Por conta da diversidade cultural e regional, surgiram as primeiras brigas, ainda na década de 1960”, conta Testa. “A impunidade dos adolescentes que cometiam esses crimes era apoiada pelos pais das classes mais abastadas. E essa realidade

continua até hoje”, explica.

Para o especialista, o combate a esse tipo de ocorrência só ocorrerá com maior rigor na aplicação das leis e controle do uso de álcool. “Qualquer motivo, por mais banal que seja, será o estopim para que esse adolescente cometa um ato de crueldade”, completa Testa. Ele observa que o perfil do jovem de classe alta envolvido em crimes de violência física, muitas vezes, está relacionado ao domínio de artes marciais. “Em Brasília, é muito comum encontrar jovens que praticam algum esporte somente para transgredir as regras nas ruas. É uma forma de ser temido”, afirma o sociólogo.

Falta de diálogo

O doutor em psicologia da Universidade Católica de Brasília (UCB) Vicente de Paula Faleiros acredita que a violência juvenil é consequência da falta de

diálogo entre os jovens e a família. “Muitos pais não aprenderam a dizer ‘não’ aos filhos e incumbiram essa tarefa às escolas. São jovens que cresceram sem limites e que não aprenderam a resolver os conflitos por meio da conversa”, observa.

O coordenador do Programa Cidadania dos Adolescentes, do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), e um dos redatores do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Mário Volpi, revela que a maioria dos casos de violência que envolvem jovens brasileiros está ligada a questões afetivas, de status ou de autoafirmação. “Tudo isso é fruto de uma cultura machista que ainda há na capital federal. A questão territorial também desempenha papel importante na análise do Unicef, porque a separação entre classes sociais contribui para a ocorrência de crimes banais”, afirma.